

## **Fundação «Arca da Aliança»**

**Fátima, 28 de Março de 2009**

**Tema: «A força da Palavra de Deus, em S. Paulo»**

### **0 – Nota prévia**

- As múltiplas vertentes da vida, acção, obra e doutrina de S. Paulo que não vão ser focados. Muitos deles nem sequer serão afluídos:

- O ambiente social, político, cultural e religioso em que S. Paulo viveu.
- Os aspectos fulcrais e as circunstâncias influentes da sua “conversão”.
- As peripécias, obstáculos, dificuldades e problemas nas suas viagens missionárias.
- Os mal-entendidos e as grandes oposições que lhe foram movidas por muitos pregadores cristãos (sobretudo, judeo-cristãos).
- Os grandes debates e discussões que travou com os seus adversários, cristãos ou pagãos.
- As muitas controvérsias e os diversos problemas surgidos no seio das comunidades cristãs que fundou e o modo como os enfrentou.
- As muitas tribulações e diversas prisões que sofreu e o modo como as encarou e viveu.
- Os múltiplos temas das suas Cartas (a sua concepção de Igreja, a sua visão do ser humano, a oração, o trabalho, a liberdade, a escravatura, o lugar e o papel da mulher na sociedade e na Igreja, os carismas e os ministérios no seio das comunidades cristãs, a sua visão acerca da Última vinda de Cristo no fim dos tempos e muitos outros de carácter específico).
- As circunstâncias do seu martírio, em Roma,
- e uma infinidade de outros.

Enfim, não vos vou falar, propriamente, da vida de Paulo ao serviço do Evangelho. A minha opção foi falar-vos do Evangelho, ao serviço do qual Paulo entregou a sua vida. E, ainda assim, de modo muito breve, fragmentado e, necessariamente, limitado.

Foi deste modo que entendi o tema que me foi proposto em Dezembro passado: «A força da Palavra de Deus, em S. Paulo».

## 1 – Introdução

Gostaria de introduzir a minha apresentação do tema que me foi proposto com 2 citações de um autor judeu, Shalom Ben-Chorim:

- a) *“Quem não tentou viver sob a lei de Israel e assumir e praticar os mandamentos e ensinamentos da tradição rabínica, não poderá compreender Paulo”.*
- b) *“Quem não viveu a experiência de Damasco, quem não foi derrubado pela luz celeste do Ressuscitado, permanecerá irremediavelmente distante de Paulo”.*

Falar de Paulo é falar do pregador, do semeador da palavra de Cristo que suscita a fé. Mas, é falar também do sábio que interioriza a palavra antes de proclamar. Como o próprio afirma no início da sua Carta aos Romanos : *“Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado a ser Apóstolo para anunciar o Evangelho de Deus”.*

Paulo é um homem culto do seu tempo, aberto e treinado nas grandes discussões intelectuais, frequentes entre os homens cultos, nas praças públicas das grandes cidades mediterrânicas de então.

Todavia, o grande livro de referência, para Paulo, nunca deixou de ser a Bíblia hebraica (na versão dos LXX). Os conhecimentos bíblicos de Paulo são, de facto, admiráveis. Nas suas Cartas é constante a referência às Escrituras. Paulo não se limita a proclamar a fé cristã, mas tem o cuidado de mostrar como o Evangelho está em conformidade com as Escrituras sagradas (Cf. 1 Cor 15, 3 e 5). Nas 13 epístolas que constituem o «Corpus Paulino», embora nem todas escritas ou ditadas pelo próprio Paulo, destacam-se:

- 76 citações formais do que, hoje, chamamos Antigo Testamento;
- 22 referências textuais informais (tipo paráfrases);
- numerosíssimos raciocínios analógicos ou indução de princípios, a partir de muitas passagens da Escritura.

Paulo radica, de forma magistral, a novidade da figura de Cristo e do seu Evangelho na tradição bíblica, nas promessas de Deus (Yhwh) a Abraão e a David e, portanto, na história do povo de Israel. Todavia, a genialidade de Paulo permite-lhe abrir esta história à história universal da Salvação, destinada, nos planos de Deus, a todos os homens. Israel, para Paulo, é apenas o primogénito de todos os povos.

Paulo não parte das Escrituras para chegar a Cristo. É, antes, fundamentado na sua fé em Cristo ressuscitado que procura o anúncio da Sua vinda e os sinais da Sua presença oculta no Antigo Testamento. A proclamação de que Cristo morreu e ressuscitou “segundo as Escrituras” é a chave de interpretação que permite a Paulo ler claramente o Antigo Testamento.

A sua interpretação das Escrituras é profundamente cristológica: é a fé do novo Adão que permite compreender o drama do primeiro Adão (Cf. Rm 5, 12-

21); é a realidade do baptismo em Cristo que permite ver na passagem do Mar Vermelho um baptismo em Moisés (Cf. 1 Cor 10, 2). Sara – a mulher livre que dá à luz em cumprimento da Promessa a Abraão (Cf. Gl), o Templo, Jerusalém são figuras da Igreja – esposa do novo Adão (Cf. Ef 5, 21-32).

Não há, em Paulo, citações explícitas das palavras de Jesus. Aliás, os Evangelhos ainda não haviam sido escritos, embora circulassem entre as comunidades cristãs colecções de palavras de Jesus que constituíram material para a posterior redacção dos Evangelhos. Todavia, Paulo está profundamente impregnado da espiritualidade de Jesus Cristo (Cf. Rm 12, 14-18 em comparação com Mt 5, 38 ss; e 1Cor 6, 7 em comparação com Mt 5, 39-42). Toda a Lei se resume no preceito positivo da caridade (Cf. Rm 13, 10 em comparação com Mt 7, 12 e Mt 22, 39 ss, ou o famoso Hino à caridade em 1 Cor 13).

Todavia, enquanto os evangelistas irão convidar, principalmente, a seguir Cristo fornecendo-nos exemplos concretos das suas palavras, gestos e acções, Paulo concentra toda a sua meditação no mistério pascal e na descoberta da sua inesgotável riqueza.

A Cruz de Cristo constitui o solo e o critério da identidade cristã e apostólica. A dupla loucura é que a Cruz é, simultaneamente, o objecto e o método do anúncio. A Cruz é o sinal de que Deus nos ama radicalmente inclinando-se sobre nós com amor e por amor, recusando-se a impor o amor. A palavra da Cruz (Cf. 1 Cor 1, 18) identifica o Cristo ressuscitado com aquele que foi crucificado. Esta palavra reclama a nossa radical identificação com Cristo que dá a Sua vida por nós e, também, nos convida a proclamar ao mundo o Evangelho de Cristo. Isto é, reclama, ao mesmo tempo, identidade cristã e apostólica.

Paulo sente que Cristo o alcançou, agarrou, tomou conta dele, programou-o. Para Paulo, “viver é Cristo”, pois é Cristo que vive nele. Por isso, Paulo estava tomado pela Palavra (Cristo – o Verbo de Deus). E é por isso, também, que era sua missão tomar conta da Palavra que havia tomado conta dele.

## **2 – Saul/Paulo – identificação judaica, formação farisaica, iluminação cristã e consciência missionária**

Judeu, natural de Tarso (Cilícia), de nome original judaico Saul (em grego Saulo), nasceu entre 5 e 10 da nossa era, fez os seus estudos escolares e obteve a sua educação na fé judaica na escola, na família e na sinagoga de Tarso e recebeu a sua formação religiosa e doutrinal formal em Jerusalém, na escola farisaica do rabi Gamaliel. Fariseu rigoroso e zeloso, após o martírio de Estêvão, no qual participou, tornou-se um feroz perseguidor dos primeiros cristãos, principalmente os de origem helenista, denunciando-os, prendendo-os e sendo cúmplice da morte de muitos. Até que um dia, próximo de Damasco, para onde se dirigia no cumprimento da sua actividade persecutória, de repente, aparece-lhe o próprio Cristo em toda a sua claridade confrontando Saul e identificando-Se solidariamente com todos aqueles que eram vítimas da sua actividade (“Saul, Saul, porque me persegues?”).

O clarão que cegou Saul no caminho de Damasco viria, a partir do tempo da convalescença, reflexão e purificação que se seguiu, junto de Ananias e outros companheiros cristãos, a ser a luz que haveria de iluminar toda a vida e acção de Paulo. Saul recebeu o baptismo cristão em Damasco, das mãos de Ananias, penitenciou os seus pecados e converteu-se à fé cristã.

Nas Cartas que escreveu ou ditou pessoalmente, Paulo raramente, e sempre de forma breve, alude à experiência determinante que constituiu o episódio da estrada de Damasco (a que se chama habitualmente, embora talvez impropriamente, conversão). Quando o faz de modo explícito é quase sempre ao ver recusada, por parte de alguns, a sua condição de Apóstolo ou por ser posto em dúvida o Evangelho que anuncia. O mais natural é que a sua «conversão» fosse suficientemente conhecida e fosse, mesmo, objecto da sua pregação ao vivo, pelo que não sentia necessidade de a referir nas Cartas que escreve, posteriormente, às comunidades que fundou. Aliás, Paulo não apresenta a sua adesão ao cristianismo como uma conversão, mas como uma revelação (iluminação). Foi Cristo que agarrou Paulo. A acção é toda de Jesus: é pura graça. A transformação operada em Paulo não é de ordem moral, mas teológica. *“É pela graça de Deus que sou o que sou” (1 Cor 15, 10).*

Judeu piedoso e zeloso e fariseu rigoroso, foi a inquebrantável fidelidade à Lei judaica e às tradições dos antepassados que levou Saul a perseguidor da Igreja. Para ele, a fidelidade à Lei era a fidelidade ao Deus único dos antepassados. Mas, (insondáveis são os caminhos de Deus) foi essa mesma fidelidade que acabou por conduzi-lo a Cristo, o que o levou, mais tarde, quando escreve aos Filipenses, a considerar como esterco («excremento») tudo aquilo que, antes, era para ele motivo de glória. Não que Paulo tivesse enterrado todo o seu passado. Pelo contrário, foi na religião judaica que ele despertou para a fé no Deus único, o mesmo Deus de Jesus Cristo, e aprendeu a conhecer e a interpretar as Escrituras em que esse mesmo Deus se revela, o que se vai tornar imprescindível na sua futura tarefa apostólica. Todavia, o reconhecimento de Cristo como o verdadeiro Messias esperado desde há séculos pelo povo de Israel tornou-se tão determinante na sua vida que passou a rejeitar tudo aquilo que ofuscasse esta verdade.

Convertido à fé cristã, Paulo torna-se missionário da novidade cristã. Ele adquire a certeza de que as promessas feitas aos antepassados hebreus, por intermédio dos Profetas, Deus realizou-as em e por intermédio de Jesus Cristo: Ele é o Messias prometido nas Escrituras.

O mistério pascal de Cristo é a chave do anúncio («kerygma») Paulino: o Cristo morto e ressuscitado.

Este Jesus, morto e ressuscitado, é o Messias que havia sido prometido ao nosso pai na fé – Abraão – e a David como seu descendente e anunciado pelos Profetas, segundo as Escrituras.

Esta é a mensagem fundamental de Paulo aos judeus. Paulo apresenta Jesus aos judeus como o novo Moisés. A justificação, isto é, a remissão dos pecados, que os judeus não puderam obter pela Lei de Moisés, poderão obtê-la pela fé em Cristo (*Cf. Act 13, 38-39*). A Lei permitia ao povo de Israel construir uma história da Salvação. O que Paulo descobre, a partir da iluminação de Damasco, é que Cristo é, Ele próprio, a Salvação da história.

Paulo volta-se para os pagãos porque os judeus não aceitam este anúncio. E, se em relação aos judeus, contrariou as suas expectativas messiânicas de carácter estreito, nacionalista e politicamente triunfante, em relação aos pagãos irá contrariar o carácter intelectualista das suas religiões. Para Paulo, a autêntica sabedoria, a sabedoria evangélica, não é o resultado da razão e do esforço humano; encontra-se em Cristo, morto pelos homens, em favor dos homens, mas ressuscitado por Deus. O escândalo e a loucura da Cruz é o cerne da fé cristã, da nova Lei do amor, e constitui o núcleo estruturante de toda a pregação paulina.

Para Paulo, Jesus (Cristo e Senhor) inaugura uma nova e radical era da história humana, uma nova identidade antropológica universal: não é um novo rei à maneira de David, não é um novo profeta do género de Isaías, não é um novo legislador como Moisés, mas é radicalmente anterior a todos eles – é o novo Adão, o primogénito da nova humanidade, do homem universal, decaído no primeiro Adão (Cf. 1 Cor 15, 21-22.45-47; Rm 5, 12-21). Com Cristo, tem lugar uma nova criação (Cf. 2 Cor 5, 17; Gl 6, 15)

A antropologia paulina extravasa o âmbito de Israel, como povo eleito de Deus. O que está em causa com Cristo é o homem como tal, cada homem e todos os homens, sem distinção cultural ou religiosa: já não há judeu ou pagão, grego ou bárbaro, homem ou mulher, sábio ou ignorante.

Toda a actividade missionária de Paulo, determinada pela sua adesão a Jesus na estrada de Damasco, consiste precisamente em eliminar a distância que separa gentios e judeus, a fim de incluir, uns e outros, todos os homens, em paridade, no mesmo e único mistério da Salvação. O homem é justo, não primeiramente com base num comportamento moral, mas pela aceitação na fé e pela fé do acontecimento salvífico justificador – a morte e ressurreição de Cristo – válido para todos e cada um dos seres humanos. Se alguém está em Cristo é uma nova criação. O que era antigo passou; surgiram coisas novas (Cf. 2 Cor 5, 17).

É o verdadeiro Deus, o Deus dos antepassados, que se dá a conhecer no rosto do Crucificado-Ressuscitado, no qual brilha a expressão mais gloriosa do amor divino. E esta graça divina, que se expressa em Cristo, tem de ser derramada sobre todos os homens, e é por isso que aqueles que foram bafejados e transformados por essa graça não podem deixar de a irradiar até que Cristo seja tudo em todos: *“ai de mim, se não evangelizar!”* (1 Cor 9, 16).

O anúncio do Evangelho por todo o lado aonde Paulo pôde chegar acabou por resultar na fundação de comunidades cristãs, que, por sua vez, se constituíram, elas próprias, como pólos de irradiação do Evangelho para outras comunidades.

Os Actos dos Apóstolos dão-nos conta de três grandes viagens missionárias de S. Paulo, cada uma delas realizada na companhia de diversos colaboradores. Nessas viagens, Paulo procurava, sobretudo, grandes centros urbanos, situados geograficamente nas grandes vias ou encruzilhadas, quer terrestres quer marítimas, porque queria fazer deles pólos irradiadores do Evangelho para todos os povos do Império Romano. E, assim, o Evangelho chegou a muitos lugares onde foi impossível Paulo chegar fisicamente. Paulo

tinha uma fé inabalável em que a palavra de Deus tem a sua eficácia própria e que o Espírito Santo é que, no fundo, presidia à irradiação do Evangelho; e, por isso, confiava plenamente na dinâmica própria da acção missionária, independentemente do facto de ele próprio ser ou não protagonista da missão.

### **3 – O fundamento e a fonte da vida cristã e da esperança na vida eterna**

Na perspectiva de S. Paulo, sem Deus, sem o Deus revelado no Evangelho de Jesus Cristo, a humanidade está perdida.

Todavia, é isso que se passa e que a história evidencia: a impiedade e a injustiça campeiam entre os seres humanos. Pela impiedade, rejeitam Deus; pela injustiça, pervertem as relações entre si. A injustiça é consequência da impiedade, e ambas conduzem ao ocultamento e à repressão da verdade, isto é, ao não reconhecimento da ordem da criação – a completa inversão de valores. O resultado de tal perversão só pode ser a destruição da ordem natural estabelecida por Deus para o bem do homem.

O drama, porém, não se desenrola, apenas, ao nível da humanidade sem Deus. Há um drama vivido no interior de cada ser humano, escravo do pecado.

O pecado que penetra a limitação e a fragilidade humanas só poderá ser ultrapassado e vencido, não pela solidão e poder da criatura, mas pela sua abertura à transcendência de Deus. É que, sem Deus, embora saiba o que quero e devo fazer, sou dominado por uma potência invencível por meio de armas humanas. Só Deus me pode dar em plenitude a vida que não tenho e indicar-me o caminho e os meios para a alcançar.

E, se há culpa do pecador por ceder à tentação que o conduz ao pecado, maior culpa será a sua se não aceitar a salvação que lhe é oferecida por Deus de um modo único e inaudito: o amor manifestado em seu Filho, Jesus Cristo. *Todos pecaram e estão privados da glória de Deus. Sem o merecerem, são justificados pela Sua graça, em virtude da redenção realizada em Jesus Cristo* (Rm 3, 23-24). Por isso, o homem não é justificado pelas obras da Lei, mas por intervenção gratuita de Deus por meio de Jesus Cristo. A justificação não é, portanto, fruto da Lei; só pode vir mediante a fé. É pela fé, e só pela fé, que obtemos a graça de cumprir a Lei. Deste modo, a Lei não é anulada, mas confirmada na sua função e no seu valor, já que recebe a sua fundamentação da fé.

Na Cruz de Cristo foi também crucificado o homem velho que habita em nós. Morto com Cristo, o homem velho pertence ao passado: já *“não somos mais escravos do pecado”* (Rm 6, 6), mas, por meio da Sua ressurreição, somos agora *“vivos para Deus, em Jesus Cristo”* (Rm 6, 11). A morte e ressurreição de Cristo criaram as condições, antes impossíveis, de nos libertarmos radicalmente do pecado. Agora, pela fé e comunhão em Cristo morto e ressuscitado, *“o pecado não terá mais domínio sobre vós, uma vez que não estais sob a Lei, mas sob a graça”* (Rm 6, 14).

A fé, portanto, não é uma mera questão formal ou, sequer, estratégica. A fé cristã nasce do seu conteúdo, isto é, do amor de Deus expresso na morte do seu Filho pelos nossos pecados.

A vida cristã é uma graça divina e, conseqüentemente, só pode ser vivida em gratidão e pondo em prática as virtudes de origem divina: a misericórdia, a bondade, a humildade, a mansidão, a longanimidade – em suma, a caridade, a virtude das virtudes. É na caridade que reside o pleno cumprimento da Lei (Cf. *Rm 13, 10*). Ela é o vínculo da perfeição, porque sem ela nada sou (Cf. *1 Cor 13, 2*).

Vivida deste modo, a vida cristã é autenticamente vivida no mundo sem se tornar mundana, isto é, não se encontra dominada ou sacrificada aos critérios morais do ambiente sócio-cultural, mas sujeita aos critérios da fé.

A fé em Cristo liberta-nos não só do domínio do pecado e da morte, mas também da Lei. Não para nos proporcionar a satisfação dos «apetites carnis», mas, por meio do exercício da caridade e correspondente humildade, acabarmos por cumprir toda a Lei, já que a Lei está plenamente cumprida na concretização desta única exortação: “*ama o teu próximo como a ti mesmo*” (Cf. *Gl 5, 13-14*). A caridade é a garantia da liberdade.

Esta vida nova é o fundamento da esperança cristã. Esperança que nos permite vencer as tribulações.

A esperança cristã baseia-se na fé de que Deus nos ama, independentemente dos nossos méritos. Como diz S. Paulo, Cristo morreu pelos ímpios (na realidade, por nós) “*quando ainda éramos pecadores*” (*Rm 5, 8*). Justificados pelo Seu sangue, estamos salvos da ira divina e, portanto, em Cristo, morto e ressuscitado, é-nos oferecida, na fé, a esperança na vida eterna, o que nos permite gloriar-nos na esperança da glória de Deus (Cf. *Rm 5, 2*).

O cristão crê na vitória de Deus sobre a morte. A morte (humana) foi vencida pela morte (divina). O Filho de Deus mergulhou no âmago da morte para resgatar do seu poder destruidor aqueles que, na fé, reconhecem e acolhem o poder infinitamente superior d’Aquele que dá a vida; aliás, o único que pode dar a vida, porque é o próprio autor da vida. A morte foi vencida porque foi realmente assumida e destruída pela Vida.

O homem terreno é a imagem do primeiro Adão, sujeito à corruptibilidade e à morte; mas, pela acção salvífica de Jesus Cristo ressuscitado, trazemos em nós, pela participação na sua vida divina, fruto da fé e do Baptismo, a imagem do segundo e último Adão, que é Espírito vivificante. Na medida em que d’Ele vivemos e por Ele nos deixamos conduzir, começamos, desde já, a despir a pele do homem velho (o primeiro Adão), terreno, frágil, pecador, e encetamos já o caminho para a última vinda de Cristo (o último Adão), quando os nossos corpos serão revestidos, visivelmente e definitivamente, da sua imagem celeste.

A consciência desta realidade e da sua edificação progressiva nesta vida não poderá deixar de, fundados na esperança, experimentarmos, desde já, uma felicidade imensa, antecipação da felicidade eterna que nos está reservada no Céu.

#### **4 – Síntese conclusiva**

Paulo é um judeu da diáspora. Criado dentro das exigências da Lei de Deus (na versão farisaica) e das tradições dos antepassados hebreus. Homem profundamente religioso, judeu praticante, fariseu zeloso, irrepreensível na observância da Lei. Na defesa das tradições judaicas, dentro da perspectiva farisaica, tornou-se perseguidor dos cristãos.

Paulo procurava realizar o ideal da religião dos seus antepassados. Tal ideal jogava-se no equilíbrio do binómio: Aliança-Lei. A gratuidade da Aliança oferecida por Deus ao povo e a observância da Lei dada a Moisés no Sinai. Gratuidade e Observância! – os dois lados da mesma moeda: dom de Deus e esforço humano! Providência divina e eficácia humana!

No tempo de Paulo, a tónica estava a ser acentuada num dos termos do binómio. A observância já não deixava espaço à gratuidade. A maioria esqueceu-se da misericórdia; o relacionamento com Deus tornou-se comercial. Os líderes religiosos encarregavam-se de inculcar a ideia de quanto mais estrita e rigorosa fosse a observância, tanto mais garantida estaria a justificação. Este ideal animou o esforço de Paulo durante a primeira parte da sua vida. Chegou, porém, o momento de descobrir que a observância estrita da Lei seria incapaz de o levar até Deus e conquistar a justificação. Foi o momento da grande crise.

No auge da sua actividade persecutória aos cristãos, a caminho de Damasco, Cristo alcançou-o e derrubou-o. A vida de Paulo ficou definitivamente partida em duas: o antes e o depois de Damasco. Na estrada de Damasco, de repente, Paulo recebeu, de graça, aquilo que o seu esforço desde pequeno não tinha conseguido alcançar: a certeza íntima de que Deus, apesar dos seus crimes, o acolhia e o justificava. A graça era maior do que o pecado. Não haveria mais que confiar naquilo que ele havia feito por Deus, mas naquilo que Deus fazia por ele – gratuidade pura.

A gratuidade torna-se a fonte e a nova chave da espiritualidade de Paulo. Antes, Paulo olhava para o Deus distante e procurava alcançá-Lo através da observância da Lei e da tradição dos antepassados; pensava só em si mesmo e na sua própria justificação. Agora, sabendo-se acolhido e justificado por Deus, já podia esquecer-se de si mesmo e da sua própria justificação para pensar só nos outros e servi-los pela prática do amor, da caridade, “que é a plenitude da Lei”.

Convertida para Cristo, a vida de Paulo foi virada do avesso. Mas não houve troca de Deus. Por meio de Jesus, o seu Deus – o Deus dos antepassados – fê-lo ver uma nova realidade. Paulo podia continuar fiel ao seu Deus e ao seu povo; podia ser cristão sem deixar de ser judeu. Tornava-se, pelo contrário, ainda mais judeu ou judeu mais convicto. Porque Jesus realizava, finalmente, as grandes promessas feitas por Deus ao seu povo no passado. Jesus era, na realidade, o Messias esperado. O judaísmo era a esperança do que no cristianismo era a certeza. A fé judaica havia chegado à sua realização plena tornando-se fé cristã.

Duas palavras caracterizam o ministério de Paulo: viagem e luta.

A partir do martírio de Estêvão, do qual foi cúmplice, Paulo nunca mais deixou de correr e lutar. Correr e lutar, desde logo, contra si próprio (as palavras de Estêvão, no seu martírio, não deixariam de incomodar um homem

tão inquieto na busca da verdade como Paulo). Mas também, correr e lutar contra os judeus, os judeo-cristãos e as filosofias gnósticas e estoicas que imperavam no seu tempo. Correr e lutar para ultrapassar o legalismo rígido da linha mais dura do farisaísmo, onde se tinha formado. Correr e lutar para defender a validade do seu ministério e da sua condição de Apóstolo, tantas vezes postas em causa por outros.

A partir de Damasco, enceta-se a missão: transmitir o que recebeu. Missão que não rompe com a riqueza da sua cultura (judaica e helenista), mas que abre fronteiras servindo-se dum profundo enraizamento na sua cultura e na cultura dos destinatários da missão. Todo o dinamismo missionário de Paulo vive animado e configurado por essas duas expressões: “Transmiti-vos aquilo que recebi”. Recepção na fé e transmissão evangelizadora para que a mensagem fundamentada na fé seja passada adiante e para os outros (no espaço e no tempo).

Em sentido estrito, Paulo não foi um teólogo, tal como o entendemos modernamente. Não escreveu nenhum tratado de teologia, nem sequer teve intenção de fazer obra teológica. As suas preocupações foram essencialmente de natureza pastoral. Todavia, ao procurar as soluções para os problemas pastorais e para a vida das comunidades cristãs, que foi fundando, baseou-se em princípios de fé, fundamentou-se nas Escrituras Sagradas, ancorou-se em Jesus Cristo. Se fazer teologia é buscar o olhar de Deus sobre a realidade concreta, então Paulo fez autêntica teologia, na medida em que lê e interpreta a história e analisa a vida das comunidades a partir da fé. Acresce que a base da argumentação paulina é, quase sempre, a Sagrada Escritura – o Antigo Testamento. Só que a sua interpretação da Sagrada Escritura tem uma chave única: a fé em Jesus Cristo. É verdadeiramente uma teologia pastoral e não sistemática.

Neste sentido, podemos encontrar, nas Cartas de S. Paulo, elementos-chave para uma articulação integrada dos diversos aspectos fundamentais do que podemos chamar de “Teologia paulina”:

### **1) Uma Teologia da Cruz**

- O centro da sua teologia é colocado em Jesus crucificado. É uma teologia da Cruz, mas de uma cruz gloriosa, porque a Cruz foi totalmente vencida pela Ressurreição.
- A Cruz é o centro gerador de toda a reflexão teológica paulina.

### **2) Uma Cristologia explícita**

- O núcleo da mensagem paulina é o querigma cristão: o anúncio da morte e ressurreição de Jesus. Paulo é um apaixonado por Jesus Cristo: é a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo que fundamenta a sua fé cristã, que orienta toda a sua reflexão e doutrina e que dá sentido à sua vida de Apóstolo.

- Jesus Cristo é o Messias prometido. E, por isso, Paulo lê a Bíblia hebraica em chave cristológica. Jesus Cristo faz parte do plano de Deus desde antes da criação do Mundo e com Ele chegou-se à plenitude do tempo. O plano de Deus completar-se-á quando Cristo devolver ao Pai o mundo totalmente renovado. É neste sentido que, para Paulo, Cristo é a Sabedoria de Deus (sabedoria personificada e pré-existente).

### **3) Uma doutrina da Salvação (soteriologia)**

- Jesus é a salvação dos seres humanos. Tal como Yhwh libertou os hebreus da escravidão do Egito, Jesus resgata os crentes da escravidão do pecado e da morte. O crente é justificado pela graça, por meio da fé.

### **4) Uma doutrina da Igreja (eclesiologia)**

- O processo da salvação conduz à formação de comunidades daqueles que partilham a mesma fé em Jesus Cristo.
- Em Cristo forma-se o novo povo de Deus, reunindo judeus e gentios, escravos e livres, mulheres e homens. A salvação é uma graça para todos os seres humanos, seja qual for a sua proveniência ou condição.
- As comunidades são constituídas pelos santos convocados por Deus. A Igreja é o Corpo de Cristo (metáfora do corpo humano).

### **5) Uma nova visão do homem (antropologia)**

- Em Cristo, morto e ressuscitado, o ser humano é uma nova criatura. O homem velho passou: a graça suplantou a Lei. As divisões clássicas em que se pensavam os seres humanos são superadas (já não há etnia, nem género, nem condição social).
- A nova criatura surgida em Cristo não é mais o homem carnal, mas o homem espiritual, agraciado por Deus, destinado à superação da vida de pecado e da morte.
- Quem adere a Cristo, na fé, é integrado n'Ele pela graça e adquire uma diferente natureza. Esta inserção em Cristo é realizada pelo Baptismo. O cristão é o ser humano cristificado, que caminha no Espírito.

### **6) Uma Escatologia**

- Se Deus ressuscitou Jesus, então a era escatológica (os últimos tempos) já começou. Depois de Cristo, vivemos já, na fé, a realidade última e definitiva, onde Deus será tudo em todos e, desse modo, somos herdeiros do reino de Deus e participamos, desde já, da Sua glória.

***Diác. Acácio Lopes***

